

O SERTÃO NORDESTINO DA SISALICULTURA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS – BA NA DÉCADA DE 1990

THE NORTHEASTERN SERTÃO OF SISAL'S CULTURE: CULTURAL MANIFESTATIONS IN THE MUNICIPALITY OF SÃO DOMINGOS - BA IN THE 1990

Iracema Lopes ALVES*

Resumo

O presente artigo busca entender como a rotina de trabalho de sisaleiros se expressa em suas manifestações culturais no município de São Domingos, cujas transformações e adaptações foram mais acentuadas na década de 1990. Período este, que ocorreu várias mudanças na sisalicultura e conseqüentemente causou um impacto nos costumes e modo de vida de muitos trabalhadores e trabalhadoras rurais que sobreviviam dessa atividade econômica. Inicialmente, expõe-se a chegada do agave no país até a sua introdução no semiárido baiano. Após a contextualização desse vegetal na região, aborda-se os diversos sentidos que as manifestações foram adquirindo no processo laboral destes sujeitos, bem como a construção de uma imaginada comunidade do sisal e a importância que as canções populares possuem na vida dos sertanejos/nordestinos. E assim, finaliza-se o estudo com a análise de músicas, das manifestações em estudo, presentes tanto no local de trabalho como nos ambientes de festas e lazer dos sisaleiros e sisaleiras são-dominguenses.

Palavras-chave: Manifestações culturais – Trabalho – Sisal – São Domingos.

Abstract: In this paper, we seek to understand how the work routine of *sisaleiros* expresses their cultural manifestations in the municipality of São Domingos, whose transformations and adaptations became stronger in the 1990s. In this period occurred several changes in Sisal's culture and, consequently, caused impact in the traditions and in the way of life of many rural workers that survived this economic activity. Firstly, we expose the arrival of agave in the country until its introduction in the *baiano* semi-arid. After the contextualization of this plant in the region, it is approached the different meanings that the manifestations acquired in the work process of these subjects, as well as the construction of a *sisal* imagined community and the importance that popular songs have in the lives of *sertanejos/nordestinos*. Therefore, we close the study with analysis of songs, manifestations under study, present both in the workplace and in party and leisure environments of sisal people from São Domingos.

Keywords: Cultural manifestations – Work – Sisal – São Domingos.

* Mestranda em História Regional e Local – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – UNEB – Universidade do Estado da Bahia, Campus V. E-mail: iracemala4@gmail.com

Introdução

O agave no Nordeste Baiano tornou-se símbolo de sobrevivência para muitas famílias que não possuíam alternativa de emprego. A partir da década de 1940 com sua exuberância na paisagem local, atraía muitos olhares e expectativas de dias melhores para a população de um modo geral, pois o “verde do agave” seduzia, quebrando a rotina da paisagem local marcada por vegetais acinzentados e retorcidos. Todavia, a sisalicultura não trouxe somente esperança e prosperidade para a região, também se mostrou agressiva nas condições de trabalho e alterou profundamente o cotidiano de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Assim, os estudos presentes neste trabalho encontram-se dentro de uma perspectiva cultural da história social. Desse modo, em uma área muito ampla faz-se necessário expor alguns teóricos que auxiliaram no desenvolvimento dessa investigação. Peter Burke (2000, p.13), ao falar sobre cultura, resume que esta por sua vez só pode ser definida em termos da nossa própria cultura. O fato é que o conceito de cultura vem mudando ao longo do tempo. Para os historiadores, o termo cultura, no século XIX, estava ligado à arte, à literatura, às ideias e aos sentimentos. Tratava-se de uma definição extremamente elitista desta categoria. Portanto, o pensamento de cultura era extremamente restrito e baseado na noção de alta cultura, assim, sendo desprezada a cultura dos grupos subalternos.

Nas últimas décadas do século XX, uma nova dimensão de história cultural foi consolidada ficando conhecida como “nova história cultural”, cujo objetivo é compreender o sentido que os homens, em diferentes momentos atribuíram, ao mundo, como disse o historiador Roger Chartier (1982): “A História Cultural, tal como a entendemos, tem como principal objeto identificar no mundo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Esta vertente se aproxima da antropologia. Tal aliança baseou-se na incorporação, por parte dos historiadores, da dimensão simbólica.

Assim como os antropólogos, os historiadores começaram a se referir à cultura no plural, atacando a noção de hierarquização cultural. Ademais, o contato com aqueles possibilitou uma redefinição do significado de cultura, que passou a ser entendida de uma forma mais ampla, como disse Peter Burke:

Em outras palavras, estendeu-se o sentido do termo para abranger uma variedade muito ampla de atitudes do que antes não apenas a arte mas a cultura material, não apenas a escrita, mas a oral, não apenas o drama mas o

ritual, não apenas a filosofia mas as mentalidades das pessoas comuns. (Burke, 2000, p. 105).

Destarte, o recurso da memória ainda nos permite ultrapassar as fronteiras do individual, adentrando assim em um território amplo, como destacou Maurice Halbwachs:

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontrem tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente destes para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuarem a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim, podemos compreender que uma lembrança passa a ser, ao mesmo tempo, reconhecida e reconstruída. (HALBAWACHS apud NUNES, 2006, p. 216).

Nesta compreensão, foi possível, a partir das memórias individuais, entender como os trabalhadores rurais se organizavam cotidianamente, como e quando realizavam as manifestações culturais na comunidade, como viviam suas frustrações, alegrias, enfim, se integravam às rodas da história.

Portanto, como afirma Ecléa Bosi (2004, p.16-17): “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!”. Sendo assim, o conhecimento pautado na oralidade nos proporciona hoje ter acesso às lembranças destes indivíduos que em suas narrativas nos ensinam sobre os festejos que envolvem: músicas, danças, trabalho, alegria, distração... Enfim, são costumes herdados de longas gerações e/ou reelaborados dentro de um novo contexto histórico.

Panorama socioeconômico da sisalicultura no nordeste baiano

O sisal (*Agave Sisalana*)¹ é uma planta originária de península de Yucatan, no México. As várias espécies dessa planta foram usadas pelos índios em fabricação de objetos domésticos e de bebidas alcoólicas, tais como a tequila, o pulque e o mexical. Dessa forma, esse vegetal caracteriza-se como resistente à seca, e por isso que no Nordeste encontrou lugar propício para a sua implantação. Por ter sido bem adaptada à região semiárida era considerada como uma planta nativa.

Benedita Pereira Andrade (2002), em trabalho de síntese sobre a implantação do sisal na Bahia informa que as primeiras mudas foram trazidas da Flórida (EUA) pelo industrial Horácio Urpia Junior no começo do século, precisamente em 1903. Nesse mesmo ano, algumas mudas foram levadas para a Bahia principalmente por sua beleza e sua utilidade para fazer cercas que impedia o gado de alcançar as plantações. Das mudas que chegaram ao território baiano, algumas foram enviadas para a Paraíba em 1911, e foi nesse estado que, a partir de 1937, o sisal passou a ser cultivado com finalidade econômica, enquanto na Bahia, isso ocorreu em 1939/1940, trinta e seis anos após a iniciativa pioneira de Horácio Urpia.

No nordeste baiano, o sisal obteve maior produtividade em virtude do clima e solo favorável ao cultivo, distribuindo-se especialmente por 20 municípios que posteriormente passam a integrar o Território do Sisal. Voltado, sobretudo para a exportação, após passar por um beneficiamento, o sisal, pouco a pouco, tornou-se a atividade econômica da região. “Disseminaram-se assim as primeiras sementeiras do ‘Agave Sisalana’ sem que Pacífico e os demais roceiros conhecessem as legítimas riquezas da variedade botânica que aparecia nos sertões” (RAMOS, 1965, p.11).

Esse vegetal começa a ser cultivado em Valente na década de 1920, sendo este município pertencente, na época, à cidade de Conceição do Coité. O Sr. Pacifico José dos Santos foi o pioneiro na plantação de agave na região, mas, inicialmente a sua utilidade era apenas como adorno ou com finalidade de servir de cerca para separar as propriedade e guardar os animais (GALVÃO, 2004, p. 15-16).

No final da década de 1930 e início de 1940 houve por parte do governo estímulos iniciais para o cultivo do sisal, o qual se espalhou pelas terras semiáridas do país. O Ministério da Agricultura e do governo do Estado ofereciam prêmios para os maiores plantadores e beneficiadores; essas atitudes contribuíram significativamente para o aumento das áreas

plantadas. “Em poucos anos, as plantações chegaram até perto do rancho. Expulsando a hortinha, as galinhas e a mandioca”. (LIMA, 1952, p. 50)

A partir de 1946, os produtores fizeram com que as exportações aumentassem substancialmente, favorecidas, após a II Guerra Mundial, pelo aumento de mercados, devido às necessidades geradas pelo conflito e, sobretudo, devido ao incremento da agricultura na América do Norte e nos novos mercados da Europa Oriental e Ocidental. Em 1946, o Brasil tornou-se exportador de sisal e, em 1951, assumiu a vice-liderança na produção mundial. A Paraíba ocupava o lugar de maior exportadora do Brasil até a década de 60, quando é superada pela Bahia.

Assim, diante da contextualização do sisal no Brasil e na Bahia faz-se necessário abordar brevemente a introdução desse vegetal na cidade em estudo. O território atual que se configura no município de São Domingos, junto com Valente, pertencia primeiramente a Conceição de Coité. Desse modo, quando Valente emancipa-se em 1958, o povoado de São Domingos passa a pertencê-la. Mas, antes mesmo da passagem do território são-dominguense para o município de Valente nota-se evidência da sisalicultura nas terras dessa localidade, aumentando sua produtividade nas décadas seguintes. Na Fazenda do Sr. Pacifico, localizada em Valente, havia alguns trabalhadores da referida comunidade que já trabalhava com o sisal para fins econômicos. E assim, esses sisaleiros aprendiam as técnicas e o modo de cultivar a planta para depois trazerem para os campos de sisal, do então povoado, em que centenas de famílias passaram a depender fortemente dessa atividade econômica. (OLIVEIRA, 2010)

As relações sociais de produção no coração da sisândia

O semiárido baiano ocupa a região central do estado, representando 60% da superfície territorial, abrangendo 265 municípios. Vinte destes municípios compunham a chamada região do sisal, que recebe esta denominação devido a sua principal atividade econômica. Essa região enfrentou um período de decadência após os anos 1970 em que as pedreiras, a pecuária extensiva e a agricultura familiar de subsistência, ficaram sujeitas aos longos períodos de seca que ciclicamente atingem a região, agravando os problemas sociais. (RAMOS, 2001, p.55)

No sertão da Bahia destaca-se um terreno de grande potencial para o cultivo desse agave, conhecido como sisândia. Esse território apresenta características peculiares em relação às demais localidades do estado, diferenças estas referentes às relações sociais de produção e

intenso cultivo do sisal. Portanto, o termo sisalândia nas palavras de Jacques Hubschmar caracteriza-se da seguinte forma:

Essa designação é, às vezes, aplicada ao coração do espaço sisaleiro, à área sertaneja no qual se concentra o grosso da produção de fibra. Trata-se, de Serrinha, particularmente da parte ocidental, que se estende entre os rios Itapicuru, ao Norte, e Jacuípe, ao sul, onde se encontram os dois municípios vizinhos de Valente e Santa Luz. Na verdade, essas terras de sisal são, também, arquétipos do sertão, que se assemelham a um espaço relativamente limitado, mas com os mesmos traços característicos do interior do Nordeste. (HUBSCHMAR, 2002, p.2)

Desse modo, o município de São Domingos encontra-se localizado nesse espaço de grande produção do agáve, que foi por muito tempo distrito da cidade de Valente emancipando-se apenas em 1989, localizando-se numa distância de 255 km da capital do estado – Salvador. Este município na década de 1990 possuía 10.276 habitantes, sendo sua população rural correspondente a 66,5% deste total (IBGE, 1991). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nesse período é considerado muito baixo – 0,531, quando comparado à média nacional.

A cadeia produtiva do sisal compreende uma numerosa quantidade de pessoas, abrigando sisaleiros desde crianças, mulheres e homens que desempenham diversas funções no manejo com este vegetal. O processo inicia-se com atividades de manutenção das lavouras, colheitas, desfibramento e beneficiamento da fibra e termina com a industrialização e a confecção de artesanatos. Para cada função há uma ou mais pessoas para desempenhá-la, contudo no campo é realizado a plantação e o desfibramento do sisal. O sucesso do vegetal na região deve-se a intensa procura do mercado interno e externo pela fibra dessa planta sendo utilizada para a fabricação de cordas de todos os tipos (cabos marítimos, cordas, cordões e outros produtos similares), diversos tipos de tapetes, sacolas e outros artigos domésticos.

A cultura do sisal é uma atividade que exige uma grande aplicação de mão-de-obra. O desfibramento é feito pelo motorzinho ou máquina paraibana nas propriedades. Geralmente, os sisaleiros trabalham nas terras de outras pessoas, nas quais prestam serviços temporários e não assalariados, ou seja, eles são utilizados para as tarefas bem precisas e no tempo determinado. O nível de emprego de mão-de-obra temporária é maior nas pequenas empresas rurais e familiares, onde o sisal é a cultura dominante. Os trabalhadores são pagos por tarefa ou quantidade produzida. Não existe contrato, e os acordos são feitos verbalmente. Os proprietários preferem o trabalho temporário, porque permite reduzir sensivelmente os custos de produção e as despesas exigidas pelos encargos sociais.

A primeira etapa do processo de colheita do sisal consiste no corte periódico de determinados números de folha da planta, por meio de instrumentos adequados. (...) O transporte das folhas colhidas para o local de desfibramento deve ser realizado na menor distância possível. Na região sisaleira, esta operação é realizada com auxílio de asininos e muares, dispondo as folhas colhidas sobre cangalhas com cambitos (gancho, tipo V, de madeira) ao seu dorso. Um animal pode transportar em torno de 130 a 180 kg. (ANDRADE, 2006, p.24)

As práticas utilizadas nesse tipo de agricultura são transmitidas de geração a geração. As mulheres e as crianças representam uma força de trabalho importante, cuja participação é constante durante uma longa jornada de trabalho, porém com pouco valor econômico. Estas por sua vez, realizam todas as atividades, exceto as do “cortador”, do “cevador” (operador do motorzinho) e do “bagaceiro” (encarregado de retirar as polpas residuais), que geralmente são feitas pelos homens. As mulheres, geralmente, realizam o trabalho conhecido como “estender fibras”, que consiste em colocar para secar as fibras do sisal que foram passadas anteriormente na máquina no processo de desfibramento. Esse processo acontece da seguinte forma:

O desfibramento consiste na eliminação da polpa das fibras mediante a raspagem mecânica da folha, através de rotores raspadores acionados por um motor a diesel. A principal desfibradora dos campos do sisal do Nordeste brasileiro é a máquina denominada “motor de agave” ou “máquina paraibana”, que tem baixa capacidade operacional. esta máquina desfibra em torno de 150 a 200kg de fibra seca em turno de 10 horas de trabalho, desperdiçando em média, 20% a 30% da fibra; além disso, envolve um número elevado de pessoas para sua operacionalização. A rusticidade da máquina exige grande esforço do operador (puxador), que poderá ser uma ou duas pessoas. Em operação normal desfibram-se, em média, 20 a 30 folhas/min, ou 1.200 a 1 800 folhas/h. A fadiga. Aliada à falta de segurança da máquina, expõe os operadores a constantes riscos de acidentes, o que constitui um dos principais problemas da máquina e da operação propriamente dita. (ANDRADE, 2006, p.32)

O desgaste físico decorrido do trabalho no processo de desfibramento do sisal pode acarretar também mutilações (mãos e braços) que ocorrem com frequência em toda região sisaleira. Fato este provocado, em virtude do intenso trabalho que o cevador² pratica na máquina chamada “paraibana” para obter uma renda semanal maior, pois se ganha por produção. Além disso, o baixo nível de capitalização da lavoura sisaleira, somada a falta de recursos financeiros, cria um estado de vulnerabilidade perante os oligopólios comerciais, industriais e exportadores, tornando-se, ao longo do tempo, um entrave à modernização tecnológica desta cultura.

A sisalicultura não depende apenas do mercado interno. As fibras que se produzem no Brasil destinam-se a exportação, principalmente para os Estados Unidos e a Europa. Conseqüentemente, o país torna-se dependente das decisões dos países consumidores e da oferta dos países produtores no mercado internacional. As constantes flutuações dos preços das fibras do sisal se refletem em toda a cadeia de produção, principalmente, na base desse sistema, no qual se encontra o sisaleiro.

Em novembro de 1990, o sisal estava em crise. Inúmeras bateadeiras em Valente e Santa Luz pararam as suas atividades. Na tentativa de minorar a crise do sisal, os agricultores, os trabalhadores e os representantes sindicais lançaram uma campanha intitulada os sisaleiros pedem socorro, seguida de um desfile, de reuniões e de um conjunto de reivindicações. (ANDRADE, 2002, p.75)

O preço do sisal durante a década de 1990 oscilou bastante em virtude de dois fatores principais: o panorama econômico internacional e os constantes períodos de seca que assolavam a região nessa década. Durante esse período, ocorreram várias reuniões envolvendo os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs), associações e autoridades municipais objetivando juntos encontrarem uma saída para a crise que enfrentavam, sendo que, uma das alternativas poderia advir de recursos governamentais destinados a região sisaleira.

A seca está provocando falta de sisal para as indústrias e bateadeiras. Por isto, o governo está colocando no mercado parte do sisal adquirido pelo Programa de preços Mínimos. Para evitar desemprego na BATEDEIRA COMUNITÁRIA, a APAEB/Valente comprou 460 toneladas de sisal em dois leilões realizados recentemente pela bolsa de Mercadorias da Bahia. (BATEDEIRA COMUNITÁRIA, 1993, p. 01)

O município de São Domingos atravessou um período de dificuldades econômicas em virtude da seca que afetava a região e, pelas constantes crises do preço do sisal na década de 1990. Durante todo o ano de 1993 foi buscado apoio governamental para amenizar a situação de calamidade que o município enfrentava nesse período. Para isso, mobilizou-se o Sindicato de Trabalhadores Rurais de São Domingos, autoridades municipais e membros da Igreja Católica com o intuito de criar uma comissão municipal de assistência a seca, que receberia uma verba enviada pelo governo estadual. Dessa forma, em parceria com o poder federal, no governo de Itamar Franco, o programa “Frente de Serviço ou Frente Produtivas” consistia em amenizar a fome e o desemprego gerado pela seca na região Nordeste.

Em março de 1995 o jornal *Folha do Sisal* anuncia “Preço do sisal bate recorde histórico no mercado mundial”. A reportagem aborda o melhor preço que o agave obteve nos últimos 10 anos, em virtude do aumento do consumo do produto no mercado externo, principalmente pela valorização da celulose e, também, por se tratar de um produto, biologicamente degradável. Porém, mesmo com este aumento, a situação dos trabalhadores do sisal continuou difícil, pois as constantes secas provocaram a paralisação de motores e bateadeiras em muitos municípios, inclusive, em São Domingos onde a maior geração de emprego advém da agaveicultura.

As crises periódicas na sisalicultura são uma característica constante no país, apesar do dinamismo do Brasil nesse setor os preços ficam à mercê das flutuações do mercado. Em 1995 a área plantada de agave *sisalana* reduziu-se metade do que já havia sido cultivado em anos anteriores. Nesse mesmo ano foram plantados 92. 807 hectares de sisal espalhados por Campo Formoso, Conceição do Coité, Itiúba, Jacobina, Mirangaba, Orolândia, Queimadas, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Valente, Várzea Nova e outros. (FOLHA DO SISAL, 1997, p.2)

A música popular no cotidiano do sisaleiro

A região sisaleira é fortemente marcada por diversas manifestações culturais que representam o povo que habita nesse território. Uma das tantas maneiras de expressão artística dessas comunidades, principalmente no espaço rural, é a música produzida no dia-dia da vida no campo, quando fazem do labor do cotidiano uma expressão rica em poesia e musicalidade. Mais do que entretenimento, os folguedos e cantos populares são momentos onde as comunidades musical-culturais se reúnem e celebram entre si costumes e sua própria identidade.

A música surge no Território do Sisal em meio a um ambiente adverso marcado fortemente pela seca, pobreza e miséria, mas o sertanejo encontra inspiração na força criativa dos versos e melodias que renovam a esperança de dias melhores. “Assim pensar as linguagens musicais da cultura regional torna-se oportuno na medida em que representam uma das mais importantes facetas da nossa canção popular”. (SANTOS, 2007, p.3)

Dentre várias linguagens musicais presentes no universo do sisaleiro, personagem típico dessa região, apresenta-se o “aboio de roça” que surge da espontaneidade e, ao mesmo tempo, com caráter poético, possibilitando condições para o desenvolvimento das melodias que nas

vozes dissonantes suscita os versos dando forma a canção popular. Esse estilo de expressão musical é bastante utilizado no trato com o gado, como também no trabalho da roça com a finalidade de excitar a produção e obter animação para a realização do trabalho. Todavia, além do aboio cantado no ambiente de trabalho, diversas outras cantorias são lembradas ou improvisadas no momento da manifestação. Tais como:

Domingo é dia de pescaria
 Que levava eu
 De camisa e saburá
 Maré tá cheia
 Pescar na areia
 Que na areia
 Tem mais peixe
 Que no mar
 Todo bom pescador
 É um só
 Todo bom pescador
 Pesca em pé
 Não precisa pescar de anzol
 Estou com os olhos feitos jacaré, é.³

Esses versos retratam o dia outrora destinado ao lazer, o domingo, sendo que, o termo pescaria mencionada nessa canção pode obter duplo sentido. Pois, além do sentido comumente utilizado de pescar o peixe, também fica subtendido a ideia de pescar ou conquistar uma mulher, e assim, o cantador refere-se a uma pesca fora da areia que não precisa necessariamente de anzol. Então, essas simples palavras colocadas em forma de canção, além de representar uma cena real da vida do trabalhador, também proporcionava a descontração no ambiente de trabalho, que assim era seguido por mais versos de outras pessoas até o final da jornada de trabalho. É importante salientar que as cantorias, também, eram realizadas durante todo o percurso de retorno para a casa destes sisaleiros e sisaleiras.

E assim, na definição de cultura popular de Alfredo Bosi, há uma clarividência da relação entre o universo material e o universo espiritual ou simbólico do povo sertanejo:

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho

e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e chorar, de agredir e de consolar (...).(BOSI, 1992, p.324)

Esses elementos estão presentes no contexto dos trabalhadores rurais do sisal que formam os diversos grupos de reisados e cantigas de roda no município de São Domingos. A vida simples e inventiva conjuga-se com o imaginário do povo sertanejo. As canções surgem da própria experiência de vida, e falam de suas relações com o meio, onde o físico e humano estão imbricados, proporcionando uma avalanche de sons, ritmos, versos, danças que envolvem todas as gerações num universo musical que alegra e reanima o sertanejo a continuar sua caminhada apesar das adversidades existentes na região sisaleira. Desse modo, com muita alegria e falando sempre em paixões e namorados ou namoradas, os versos surgem de forma improvisada ou memorizados, ao presenciar as cantorias dos mais velhos:

Borboleta tá no tanque
Com pena de voar
Quem tem amor bonito
Tem pena de deixar.

O sol girooô (2x)
Tomaram meu amor
Eu vou na porta buscar
Isso é um desaforo
Eu amar e outra tomar.⁴

A maioria das canções abordam sobre o tema “amor” e eram cantadas pelas mulheres no trabalho na roça. Posteriormente, com o apogeu do sisal, essas cantorias foram transferidas para os campos de agave e, principalmente no setor em que se estendia a fibra da planta, pois era uma função comumente ocupada por mulheres. Os homens também participavam das cantigas de roda no momento do trabalho, mas o “aboi de roça” tinha se tornado o estilo musical mais praticado e difundido entre os trabalhadores rurais. Esse estilo de música exige uma voz extremamente afinada e alta, sendo as melodias entoadas para chamar a boiada da seguinte forma:

Esse boi saiu do meu currá
Que saiu do meu currá
Esse boi careta
Esse boi capeta
Esse boi de treta
Pulou a cerca
E a cerca balançar

Saí pelo caminho
 E encontrei o vizinho
 Eu consegui, meu boi laçar
 Meu boi lacei
 Da corda puxei
 Escorreguei, e amarrei
 Na purteira do currá
 E esse boi desata menino
 Na hora que ele chegou.
 Oh, ah... Ô boi!⁵

A maioria das canções era feita naquele momento específico de cantoria. A improvisação era uma característica marcante dessas manifestações, pois mesmo transmitidas por gerações estas recebiam sentidos diferenciados em cada contexto e espaço vivenciado, além das transformações nas letras e melodias que eram reelaborados pelas novas gerações de aboiadores e sambadores do município.

As letras das canções retratavam bastante a criação de gado, visto que, por muito tempo esta permaneceu como a principal atividade econômica da região sisaleira. Porém, em virtude dos constantes períodos de seca e a introdução da agaveicultura na região, a pecuária passa a ocupar uma posição secundária no panorama econômico regional, e por sua vez local. Na verdade, possuir gado e terras era sinônimo de riqueza, conferindo-se poder político e econômico, além do prestígio da comunidade. Segue assim, alguns versos de uma canção que remetem a utilidade e importância desses animais para a família dos trabalhadores rurais:

Eu vou prender meu gado
 No curral do alazão (2x)
 Se minha vaca mineira
 É da cor de leiteira
 Tire o leite pra manteiga
 Pra café e requeijão.⁶

As temáticas das canções originadas e transmitidas no local de trabalho raramente abordavam diretamente o cotidiano de trabalho. Os sisaleiros e sisaleiras cantavam sobre amores, paixões, aboiavam e criavam versos que servissem para distração, ou seja, toda essa cantoria era realizada, na maioria das vezes, como uma “fuga” da realidade na qual se estava inserido. Um dos raros versos que se referem ao trabalho com o sisal mostra as consequências do manejo com a referida planta e os seus danos à saúde, já que o contato constante com o agave causava uma série de doenças, tais como: mal estar, alergia, problemas respiratórios, coceiras na pele, dentre outros malefícios que poderiam ser adquiridos em todo o processo de desfibramento, desde a extração até o contato com a fibra seca do sisal.

Papagaio louro
 Sabiá da praia
 Valdir cabelo loiro
 Ele é cortador de paiá
 Eu perguntei a ele
 Tá sentindo alguma dor
 Está amarelecendo
 É o resíduo do motô⁷

Algumas canções conseguem reunir várias temáticas, tais como amor e trabalho, na mesma estrofe. Isso em virtude de muitas vezes estes elementos estarem imbricados no momento da criação ou cantoria. Os versos seguintes enfocam justamente os seis dias de constante e exaustivo trabalho realizado pelo lavrador, que objetivava com seu suor agradar e sustentar a mulher amada, mas esta o rejeitava e dispensava o seu amor.

Olé, olé, olé, olá.
 A semana tem seis dias
 Vou morrer de trabalhar
 Morrer de trabalhar
 Pra sustentar essa mulher
 O pago que ela me dar
 É dizer que não me quer.⁸

Essa característica musical marcante na vida do trabalhador do sisal confere uma identidade não somente no ambiente e nas relações de trabalho, mas também pela importância que as canções populares possuem no lazer desses indivíduos. Os encontros e as cantorias iniciam-se no ambiente de trabalho e perpassam as fronteiras do município nos quais esses grupos realizam apresentações. Dessa forma, o espaço de produção está intimamente relacionado com as manifestações culturais desenvolvidas no referido município. Analisando o processo de colheita dos trabalhadores camponeses da Inglaterra do século XVIII, Thompson chama atenção para o reducionismo nos enfoques históricos, em que a predominância se restringe ao aspecto econômico, perdendo de vista a dimensão artístico-cultural própria desses lugares sociais produtivos:

E também é verdade que o bom moral dos trabalhadores era mantido graças aos bons ganhos que conseguiam nas colheitas. Mas seria um erro ver a situação das colheitas apenas em termos de respostas a estímulos puramente econômicos. É também um momento em que os velhos ritmos coletivos se entrelaçam nos novos: em que o peso do folclore e dos costumes da gente do campo são chamados a participar na satisfação psicológica das pessoas e nas funções rituais da colheita. (THOMPSON, 1991, p.50-51)

Nesse sentido, as manifestações culturais no semiárido baiano, especialmente em São Domingos, ocorria em diversas datas do ano. As cantorias eram feitas para celebrarem aniversários, após as rezas, em batizados e em encontros casuais entre amigos que pretendiam se divertir naquela noite. Além do entretenimento que propiciava aos trabalhadores rurais, esses encontros exerciam também a função de transmitir a cultura popular local ou mesmo regional, e assim os mais novos aproveitavam para aprender e incorporar as linguagens musicais ao seu contexto e universo cultural.

A oralidade é o principal instrumento de transmissão das manifestações culturais nessa localidade, elas permanecem guardadas na memória coletiva dessas comunidades, em especial pela memória dos velhos da região. Essa memória coletiva é aqui compreendida como “um conjunto de representações sociais que têm a ver com o passado, produzidas, guardadas e transmitidas por um grupo pela interação com seus membros” (JEDLOWSKI apud FREIXO, S.d., p.1). Dessa forma, esse termo emerge enquanto espaço de registro continuamente reconstruído, no âmbito do qual os sujeitos reconhecem e valorizam determinadas experiências. A memória também é seletiva, por isso o indivíduo ou grupo pesquisado precisa ser inserido no contexto em que viveu e/ou vive para se entender o seu universo cultural. Considere-se ainda, nesta perspectiva que:

A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição “coletiva”. (ROUSSO, 2005, p.94)

É importante salientar que as expressões musicais disseminadas por décadas pelos trabalhadores rurais aos seus descendentes remetem-se, em grande parte, ao período das casas de farinha. Anterior ao apogeu da sisalicultura no município de São Domingos, a agricultura familiar baseava-se na plantação de mandioca⁹ em grande quantidade e, na produção da farinha de tapioca, beiju e outros produtos alimentícios importantes na alimentação de toda a família do agricultor. Sendo assim, todo o processo de plantação da mandioca até a obtenção do produto final era executado por todos os membros da família; os mais velhos até as crianças participavam dessa grande festa nos ambientes onde se produzia a farinha.

A partir disso, constata-se que as manifestações culturais ligadas ao cotidiano dos trabalhadores rurais no município de São Domingos antecedem a implantação da agaveicultura na cidade. No que tange as transformações socioeconômicas de uma determinada sociedade,

considerando as devidas especificidades, Thompson evidencia na sociedade inglesa impulsionada no século XVIII pela industrialização que “não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura. E o desenvolvimento da consciência social, como o desenvolvimento da mente de um poeta, jamais pode ser em última análise planejado”. (THOMPSON, 1998, p. 304)

É de extrema importância entender a íntima relação existente entre os lavradores rurais com o trabalho e sua incorporação na vida dos mesmos, constituindo-se assim como um sentido de sua existência. O ritmo intenso e o desgaste do trabalho no campo, muitas vezes causam a dor, mas retiram-se dessas condições adversas de sobrevivência algumas alegrias que são identificadas na produção estético-musical das comunidades rurais sisaleiras do referido município. Fica evidente no momento que Ecléa Bosi faz a seguinte colocação:

Na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga. Não há compreensão possível do espaço e do tempo do trabalhador manual se a fadiga não estiver presente e a fome e a sede que dela nascem. E as alegrias que advém desta participação no mundo através do suor e da fadiga: o sabor dos alimentos, o convívio da família e a vizinhança, o trabalho em grupo, as horas de descanso. (BOSI, 1992, p. 27)

Essas circunstâncias compõem o cenário em que os sisaleiros produzem suas alegrias manifestadas nas melodias e cantos. O cotidiano exaustante impulsiona a imaginação artística, e esta por sua vez expressa o contexto sociocultural no qual o povo exprime seus ritmos, sons e sentidos, ou seja, a sua arte. Dessa forma, a natureza está extremamente imbricada com o universo cultural presente na vida dos trabalhadores do sisal.

Referências

- ANDRADE, Benedita Pereira. *Sisal e sociedade rural: o caso de Valente e Santa Luz – Bahia*. In: LAJES, Creuza Santos; ARGOLO João Almarque; SILVA, Maria Auxiliadora (org.). *O sisal baiano entre natureza e sociedade*, Salvador, 2002.
- ANDRADE, Wilson (org.). *O sisal do Brasil*. SINDIFIBRAS – Sindicato das Indústrias de Fibras Vegetais da Bahia; Brasília: APEX – Brasil – Agência de Promoção de Exportações e Investimentos, 2006.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da Memória; ensaios de psicologia social*. 2º ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004, p.16-17.
- _____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 1983. 402 p. (Séries Estudos Brasileiros).
- BURKER, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. *Variiedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CHARTIER, Roger. “*Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*”. Revista Estudos Históricos (Rio de Janeiro), vol. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

_____. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1982.

_____. *O Mundo como Representação*. Revista *Annales*, 1991, p. 183.

FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria. *As “Fibras” da História: Memória de Velhos na Região Sisaleira da Bahia*. Trabalho não publicado.

GALVÃO, Almiro. *Valente, estrela do Semiárido*. Valente, abril, 2004, 118 p.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

_____. *Mundos do trabalho*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Jornal Batedeira Comunitária, p. 01, nº. 13, Valente, Abril de 1993.

Jornal Folha Do Sisal, Ano 8, nº. 40, Outubro de 1997.

LIMA, Jorge Pinto. *Correio Rural*. São Paulo, 1952.

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. *Entre o capa verde e a redenção: A cultura do trabalho com o agave no Cariris Velhos (1937-1966, Paraíba)*. Universidade de Brasília – UNB. Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Manuel Moséis de. Entrevista concedida a Iracema Lopes Alves. São Domingos – BA, 16 de nov. 2010.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RAMOS, Alba Regina; NASCIMENTO, Antonio Dias. *Características culturais. Resgatando a infância. A trajetória do PETI na Bahia*. Salvador: MOC/OIT/UNICEF, 2001.

RAMOS, José Filho. *Sisal: sua história entre nós*. Salvador: S.A. Artes Gráficas, 1965.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). *Usos & abusos da história oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SANTOS, Vilbégina Monteiro dos. *A construção de uma comunidade imaginada do sisal*. In: V ENECULT, Faculdade de Comunicação/UFBA, maio de 2009.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

_____. *O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Trabalho, Educação e prática social: por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

¹ O agave (que vem do grego agavos = magnífico admirável) é um gênero de plantas de consistência herbácea e escapo floral saliente, que dá origem a várias espécies fibrosas, entre elas o sisal, que é uma fibra dura foliar. Aliás, há somente o conhecimento de duas espécies de Agave com valor comercial: a sisalana e a foucroydes. Quando menciono à denominação genérica “sisal”, estarei falando da espécie sisalana.

² Cevador é homem responsável pelo desfibramento do sisal. Sendo este quem sofre com o problema de mutilação ao manejar a fibra na máquina paraíbana.

³ Cantiga popular de autoria desconhecida transmitida por gerações nas manifestações culturais no município de São Domingos - BA.

⁴ Cantiga popular de autoria desconhecida transmitida por gerações nas manifestações culturais no município de São Domingos- BA.

⁵ Idem.

⁶ Cantiga popular de autoria desconhecida transmitida por gerações nas manifestações culturais no município de São Domingos - BA.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ Mandioca (Aipim ou Macaxeira) é o nome pelo qual é conhecida espécie comestível e mais largamente difundida do gênero *Manihot*, composto por diversas variedades de raízes comestíveis.

Enviado em 09 de março de 2018 e aceito em 20 de novembro de 2018.